



# PROF. DOUTOR HELDER MOTA FILIPE LIDERA ASSOCIAÇÃO DOS FARMACÊUTICOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

É PROFESSOR ASSOCIADO DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PERITO DA AGÊNCIA EUROPEIA DO MEDICAMENTO (EMA), MEMBRO DA COMISSÃO DE ÉTICA PARA A INVESTIGAÇÃO CLÍNICA (CEIC), DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE SAÚDE (CATS) E DA COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DE MEDICAMENTOS (CAM). E, ATÉ 2021, PRESIDE A ASSOCIAÇÃO DOS FARMACÊUTICOS DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (AFPLP). EM ENTREVISTA À REVISTA *FARMACÊUTICO NEWS*, O **PROF. DOUTOR HELDER MOTA FILIPE** ABORDA A NOVA FUNÇÃO E ALGUMAS PARTICULARIDADES DO SETOR NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA.

**Farmacêutico News (FN) | O que representa para si ter assumido a presidência da Associação dos Farmacêuticos dos Países de Língua Portuguesa (AFPLP) para o biênio 2019-2021? Helder Mota Filipe (HMF) |** É uma honra e uma oportunidade de realização profissional numa área que gosto bastante. Aliás, já tenho experiência na colaboração com países de Língua Portuguesa desde que exerci funções na administração do Infarmed.

**FN | O que salienta dos primeiros meses neste cargo?**

**HMF |** A participação de Portugal na AFPLP, através da Ordem dos Farmacêuticos (OF) e da Associação Nacional das Farmácias (ANF), sempre foi muito intensa. Na qualidade de presidente do Conselho para a Cooperação da OF já tinha um certo envolvimento e estava bastante informado acerca das atividades da AFPLP, pelo que os primeiros meses foram de continuidade da anterior presidência, que foi Cabo Verde. Apesar de a Ordem deste país ser recente, em comparação com a portuguesa, é muito enérgica e empenhada, tendo exercido

o mandato com empenho e sucesso assinaláveis. Assim, o grande objetivo será, por um lado, manter o nível a que nos habituou a presidência cabo-verdiana, por outro, tentar projetar ainda mais a AFPLP.

**FN | Quais os objetivos que foram definidos e que gostaria ver cumpridos durante a sua presidência?**

**HMF |** Estreitar ainda mais a colaboração entre as instituições congêneres de todos os países de Língua Portuguesa, apostar na cooperação quer do ponto vista profissional, quer ao

nível da formação académica e encontrar uma forma de aumentar e estimular esta área. Também pretendemos aproximar a AFPLP da CPLP.

**FN | O que vai implicar a aproximação da Associação à CPLP?**

**HMF |** Para já, vamos dar início ao processo de candidatura a membro observador da CPLP. Faz todo o sentido haver uma estratégia alinhada na área da Saúde, em que está incluído o setor farmacêutico. Por outro lado, tentaremos colaborar no desenvolvimento de atividades que sejam coordenadas pela CPLP



**PROF. DOUTOR  
HELDER MOTA FILIPE**  
PRESIDENTE  
DA ASSOCIAÇÃO  
DOS FARMACÊUTICOS  
DOS PAÍSES DE LÍNGUA  
PORTUGUESA (AFPLP)

ou ter em consideração as prioridades desta organização no desenvolvimento das nossas ações.

**FN | Os países da AFPLP são os mesmos da CPLP com a exceção de Timor-Leste.**

**HMF |** Esse é outro desafio para este mandato. Envolver Timor-Leste nos trabalhos da AFPLP.

**FN | Como podem ser caracterizados os farmacêuticos dos países da CPLP? Prevalece a homogeneidade ou a heterogeneidade?**

**HMF |** Apesar de não ser uma profissão recente em nenhum destes países, havia um número muito limitado de profissionais nos países

africanos e que se formavam no exterior. Mas, nos últimos anos, têm havido uma evolução na formação em Ciências Farmacêuticas em cada um destes países e, conseqüentemente, um crescimento do número de farmacêuticos. Ao mesmo tempo, os profissionais começam a estruturar-se do ponto de vista associativo. Já existe Ordem dos Farmacêuticos em Cabo Verde e em Angola, a Associação de Farmacêuticos de Moçambique tem o objetivo de se transformar em Ordem e os outros países estão a caminhar na mesma direção. Para que um organismo destes seja constituído, é necessário não só um

número significativo de profissionais, mas também um conjunto de estruturas e habilitações legais. Neste sentido, a OF tem tido um papel importante no suporte, no apoio e no estímulo à organização associativa dos farmacêuticos nos diferentes países. Gostaria de salientar que me refiro aos países africanos. Portugal e o Brasil têm uma tradição muito antiga de atividade profissional e de associativismo profissional.

**FN | Neste contexto, qual a mais-valia da existência da AFPLP, que congrega países com diferentes graus de evolução?**

**HMF |** É importante na medida em que funciona

como se de um clube de farmacêuticos se tratasse, com a partilha da situação vivida em cada um dos países, da evolução e ao mesmo tempo das dificuldades vividas por cada um dos países e discussão conjunta sobre como resolver assuntos de cada um mas também temas que afetam transversalmente a profissão. Resulta num espaço de entretajuda e aprendizagem, através das várias experiências partilhadas. No seio da AFPLP, foi criado um ambiente de pertença em que todos somos parte da organização, os problemas de uns são os problemas de todos e o mesmo é aplicado ao sucesso. Foi conseguido muito graças ao mérito das presidências anteriores.



**FN | Que outras atividades desenvolve a AFPLP para além do Congresso?**

**HMF |** As comissões de ética e autoridades do medicamento dos diferentes países de Língua Portuguesa é uma área em que estamos a trabalhar, através de um projeto com financiamento do *European and Developing Countries Clinical Trials Partnership* (EDCTP). Liderado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria do Céu Patrão Neves, tem como objetivo a criação de um modelo legislativo no espaço lusófono, que proteja os cidadãos que participam em ensaios clínicos do ponto de vista regulamentar e ético. Na prática, vamos conseguir ter no espaço luso-africano legislação que garanta princípios éticos nas leis sobre investigação clínica em seres humanos de cada país. Por outro lado, esta legislação poderá facilitar o desenvolvimento de estruturas de investigação clínica. Consequentemente, aumenta o conhecimento e gera recursos. Embora não seja uma iniciativa direta, a AFPLP apoia de forma bastante enfática este projeto que interessa a todos os farmacêuticos. De futuro, até poderá servir de modelo para outros países ou grupos de países. Outra questão prende-se com o facto de a AFPLP ter criado as condições para que as pessoas se conheçam e confiem umas nas outras, de modo a formar uma rede de contactos e confiança. Ou seja, a AFPLP também tem importância por essa via indireta, em muitas situações.

**FN | Da larga experiência que tem no Infarmed, esteve diretamente envolvido nas ações de colaboração do instituto com outras agências do medicamento do espaço lusófono. De que forma classifica esta atividade?**

**HMF |** Grande parte da atividade internacional do Infarmed é ao nível europeu. Porém, houve sempre uma grande preocupação em colaborar com agências mais recentes que se têm vindo a estruturar nos PALOP. Naturalmente, e do ponto de vista pessoal, tenho sempre estimulado a colaboração entre Portugal e os países lusófonos, porque acredito que o espaço da lusofonia deveria ser mais explorado. Ou seja, por vezes, há falta de estratégia e de visão relativamente ao papel que Portugal poderá desempenhar no espaço lusófono.

**FN | Na sua opinião, que posição é que o nosso País deveria adotar?**

**HMF |** Deveria haver uma estratégia nacional, sólida, transparente e mantida no tempo, relativamente ao nosso envolvimento com países estrangeiros, dentro e fora da Europa. O espaço lusófono é muito importante e terá ainda mais importância se se conseguir evidenciar as potencialidades de cada interveniente, neste caso da CPLP, que poderia ter um papel mais ativo e interventivo, conduzindo a um maior reconhecimento internacional do bloco de países de Língua Portuguesa. Gostaria de

AS COMISSÕES DE ÉTICA E AUTORIDADES DO MEDICAMENTO DOS DIFERENTES PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA É UMA ÁREA EM QUE ESTAMOS A TRABALHAR, ATRAVÉS DE UM PROJETO COM FINANCIAMENTO DO EUROPEAN AND DEVELOPING COUNTRIES CLINICAL TRIALS PARTNERSHIP (EDCTP). LIDERADO PELA PROF.<sup>a</sup> DOUTORA MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES

salientar que quando afirmo que o nosso País poderia ter um papel importante, não estou a sugerir que seja o líder. Até porque, quando há cooperação em comunidade, não devem existir líderes, mas sim redes, porque trabalham todos para o mesmo objetivo. No fundo, se tivermos uma estratégia mais definida, a CPLP pode ter a força que cada país individualmente não consegue ter.

**FN | Neste cenário, os países mais evoluídos ajudariam os menos evoluídos.**

**HM |** Claro! E, ao mesmo tempo, aprendermos uns com os outros. A ideia que os países africanos estão menos desenvolvidos do que Portugal ou o Brasil é, na maioria das situações, verdadeira. Contudo, o paradigma mudou, em especial, nas condições de acesso à informação. Em muitos países africanos, a distância era um problema, assim como os transportes. Atualmente, com o telemóvel e com a Internet que chega a todo o lado, já não é necessário percorrer vários quilómetros para adquirir conhecimento. A título de exemplo, o ensino à distância evita a deslocação dos formandos para aulas presenciais. Esta situação vai acelerar de forma incrível o acesso ao conhecimento e, consequentemente, permitir o desenvolvimento muito mais rápido em diversas áreas e na área da saúde em particular. A AFPLP deve estar preparada para maximizar os efeitos desta nova realidade.